



UMA IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO: PROFESSOR/A QUILOMBOLA NA COMUNIDADE DE JOÃO SURÁ

Lucimar Rosa Dias – lucimardias1966@gmail.com

Universidade Federal do Paraná, UFPR, Curitiba, Paraná, Brasil; <http://orcid.org/0000-0003-1334-5692>

Vanessa Gonçalves da Rocha – vanessagondaro@gmail.com

Universidade Federal do Paraná, UFPR, Curitiba, Paraná, Brasil; <http://orcid.org/0000-0003-3251-1991>

RESUMO: Este artigo apresenta perspectivas docentes sobre a construção da identidade do/a professor/a quilombola, por meio da escuta daqueles/as que se constituíram como tal na docência no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos do estado do Paraná. Para tanto, há uma contextualização a respeito de Quilombo e Educação Escolar Quilombola, tendo como referenciais Silva (2011), Miranda (2018) e Gomes (2012). O objetivo deste artigo é colocar em destaque a narrativa de oito docentes sobre os modos como percebem sua identidade profissional docente (GOMES, 2005 e WOODWARD, 2000) em território quilombola. A problemática faz parte de uma pesquisa em andamento de cunho qualitativo, tendo como suporte metodológico o método autobiográfico. Foram levantadas informações acerca da Educação Escolar Quilombola e suas bases legais, bem como ouvimos as experiências dos/a professores/as que permitiram compreender como percebem a sua construção identitária como docente em uma modalidade educacional que é permeada por especificidades que atravessam as vivências pessoais, pedagógicas e profissionais dos/as professores/as sujeitos desta investigação.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Escolar Quilombola; Professor/a Quilombola; Identidade Profissional; Narrativas Autobiográficas; Comunidade João Surá.

1 INTRODUÇÃO

Ser docente nos dias atuais demanda envolver-se em diversas áreas de conhecimento, não apenas com objetivo de atuar em uma perspectiva multidisciplinar curricular, mas sim pensando a prática docente como mecanismo de mediação para promover mudanças na sociedade. Sendo assim, a docência reconfigura-se também em sua identidade que não é única, mas múltipla e se distingue no exercício profissional a depender do espaço/território onde atua.

Nesse sentido, sabedoras da importância da Educação Escolar Quilombola (EEQ) como resultado de um processo de luta dos movimentos quilombolas, percebemos a necessidade de compreender os processos que constituem a identidade docente nesta modalidade de educação, especificamente no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, estabelecimento pertencente à rede pública de ensino do estado do Paraná. Estado o qual não dispõe de um curso de licenciatura para a formação específica de professores para atuar nas escolas que atendem estudantes quilombolas ou para escolas quilombolas. A Universidade Federal do Paraná oferta a Licenciatura para a Educação do Campo – LECAMPO, sob responsabilidade do setor Litoral, cuja sede é em Matinhos-PR, e tal fato pode ser

considerado um avanço significativo para a educação em espaços que durante muito tempo foram marginalizados quanto ao acesso à educação básica de qualidade e ao ensino superior. A iniciativa contribui para a construção de outras pedagogias e produções de saberes, ora desconsiderados por grande parte dos currículos educacionais, visto que na maioria dos cursos que formam professores, a modalidade Educação Escolar Quilombola é tratada de modo tangencial ou nem é discutida. Sendo assim, nos parece fundamental compreender a partir das narrativas dos próprios sujeitos quais são seus processos formativos, pois acreditamos que tanto a formação inicial quanto a continuada poderá se beneficiar dos conhecimentos gerados por estes sujeitos/as para a reflexão e formação de profissionais que poderão atuar em comunidades quilombolas ou em instituições que recebem quilombolas.

Considerando o exposto, o objetivo deste artigo é compreender como se constitui a identidade do professor e da professora quilombola, este/a que atua em uma escola quilombola, considerando as especificidades inerentes à modalidade da EEQ, como pode-se observar na primeira seção deste trabalho, a qual traz a definição de tal modalidade. Como parte da pesquisa, realizou-se uma revisão bibliográfica com o intuito de contextualizar o processo de desenvolvimento da referida modalidade, bem como a produção de dados por meio de depoimentos de docentes que estavam lecionando no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos no ano de 2018, os quais narraram a respeito da construção de suas identidades como professores/as quilombolas. A primeira parte do artigo é destinada à contextualização histórica, de maneira sucinta, da Educação Escolar Quilombola, para tanto é referenciado o parecer do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica (CNE/CEB) nº 16 de 2012 relatado por Nilma Lino Gomes. Na sequência desenvolve-se uma discussão a respeito da docência na modalidade de ensino supracitada e para finalizar são apresentadas as narrativas de docentes do colégio quanto à suas construções identitárias como professor/a quilombola.

2 A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: CONTEXTUALIZANDO

Conforme informações que constam no Parecer CNE/CEB nº 16/2012, redigido por Nilma Lino Gomes, durante o ano de 2011 a Câmara de Educação Básica coordenou e realizou três audiências públicas: a primeira em Itapecuru-Mirim, no Maranhão, a segunda em Cidade de São Francisco do Conde, Bahia e a terceira em Brasília, Distrito Federal, com o intuito de subsidiar a elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Tendo a parceria do Ministério da Educação (MEC) e na época existiam: a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade (SECAD), Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (SEPPIR) ambas já tiveram seu *status* modificados no atual governo de Jair Bolsonaro, ainda fizeram parte das audiências a Fundação Cultural Palmares, Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, governos

estaduais, prefeituras municipais e alguns Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros (NEABs) e principalmente a participação efetiva de representantes quilombolas indicados pela Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ), estes atuaram como assessores especiais junto ao Conselho. Houve também participação significativa de representantes de comunidades quilombolas, gestores, docentes, estudantes, movimentos sociais, Organizações Não-Governamentais (ONGs), fóruns estaduais e municipais de educação e diversidade étnico-racial e pesquisadores, todos reunidos para discutir “A Educação Escolar Quilombola que temos e a que queremos”.

A partir de amplo debate entre as organizações e entidades supracitadas, da Conferência Nacional de Educação (CONAE) e das audiências públicas realizadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), a luta por direito à educação e à escola surge com muito destaque, junto a esta reivindicação está a luta por reconhecimento da identidade das populações quilombolas, pelo direito à memória e pela vivência de sua cultura, direitos estes que não foram reconhecidos institucionalmente durante muito tempo e ganha força a partir da regulamentação em Diretriz da Educação Escolar Quilombola. Conforme o artigo 9º da resolução 08/2012, em seus parágrafos 1 e 2, compreende-se por Educação Escolar Quilombola as escolas quilombolas e escolas que atendem estudantes oriundos de territórios quilombolas.

[...] quilombolas são considerados comunidades e povos tradicionais. Isso porque são grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, possuidores de formas próprias de organização social, utilizam conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição, são ocupantes e usuários de territórios e recursos naturais como condição à sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica. (BRASIL, 2012, p.2).

Todas as especificidades provenientes dos territórios quilombolas são estruturantes das Diretrizes Curriculares Nacionais para esta modalidade de educação, considerando-se a escola como um espaço de construção de identidades e autonomia, respeitando-se as formas específicas de viver e de pensar, de manter e ressignificar as culturas locais, seus modos próprios de produção, reelaboração e transmissão de conhecimento (MIRANDA, 2018)

Para Givânia Maria da Silva (2012, p.167) a Educação Escolar Quilombola é um instrumento de luta, de identificação, de acolhimento dos conhecimentos locais e universais, de valorização da pessoa, da afirmação do quilombola como sujeito de direitos. Conclui-se que tal modalidade de educação não se prende aos moldes eurocêntricos que hierarquiza saberes, culturas, decodificando o que de fato é certo ou errado para a construção do conhecimento, tem-se aqui uma nova forma de constituir a intelectualidade. Sendo assim ela necessita de um tipo de docência que não está dada, pois a própria modalidade é muito nova.

2.1 A DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA

A educação escolar quilombola tem sua normatização pelas Diretrizes Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, Resolução número 08 de 2012. Tal documento é tão recente quanto a efetivação desta modalidade de ensino. Segundo os dados do Censo Escolar de 2010, existem no Brasil 1.912 escolas localizadas em territórios remanescentes de quilombo. Nesse sentido cabe-nos identificar quem são os docentes que estão desenvolvendo o trabalho nestas escolas, como se prepararam para este exercício? quais as trajetórias de vida que culminaram para a construção da identidade deste/a docente?

No estado do Paraná existem dois colégios pertencentes à rede pública de ensino que são denominados como colégios quilombolas, e, ambos estão localizados em territórios de quilombo. O primeiro, Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, iniciou as atividades no ano de 2009 na Comunidade Quilombola de João Surá, município de Adrianópolis no Vale do Ribeira, o segundo - Escola Estadual Maria Joana Ferreira- está localizada na Comunidade Quilombola Maria Adelaide Trindade do Amaral, município de Palmas. Para constituir o objeto deste artigo foi selecionado apenas o primeiro colégio.

O artigo 48 da Resolução 08/2012 orienta que “a Educação Escolar Quilombola deve ser conduzida, preferencialmente, por professores pertencentes às comunidades quilombolas”, considerando que

Não há como pensar a educação em quaisquer que seja sua modalidade sem pensar que ela cumpre papéis e funções que podem levar um grupo a determinado lugar, em detrimento da permanência e estagnação de outros. Para os negros e negras brasileiros estão reservados os espaços subalternos em nossa sociedade. Por isso, tê-los presentes nos processos de construção da educação, é sinal vital da interação e da possibilidade de acesso ao conhecimento, gerando assim novas perspectivas que possam apontar para um momento futuro de inserção das comunidades quilombolas em espaços oferecidos e reservados a um único grupo com ferramentas de acesso ao poder, seja financeiro ou intelectual. (SILVA, 2011, p. 11)

No entanto, cabe ressaltar que este é um processo em andamento no colégio, pois não há profissionais da comunidade suficientes para atender à demanda, sendo assim, não são apenas quilombolas que atuam na docência desta instituição. Ainda assim, percebe-se o avanço no que se refere a este ponto, pois no início das atividades do colégio o quadro docente era composto somente por professores não quilombolas, atualmente o processo de contratação de docentes quilombolas já é efetivo. Conforme registro obtido por meio de entrevista com uma professora quilombola:

Quando a escola começou a funcionar, nós víamos chegar no transporte escolar a merendeira, auxiliar de serviços gerais, diretora, secretária e todos os professores. Não pensamos na possibilidade de ser professores naquele momento, mas as funções de agente educacional e administrativo nós éramos capazes de exercer, e esse foi o primeiro passo, conseguimos ocupar essas vagas já no ano seguinte (2011). Estando na escola em contato com o processo educativo que as nossas crianças estavam obtendo e sob incentivo permanente da Nará, diretora na época, decidimos prestar vestibular para cursos de licenciatura. Eu passei para o curso de História em

2014 em uma faculdade a distância, mas só comecei a me inscrever no processo seletivo para professora do estado em 2016, e consegui a carta de anuência da comunidade para trabalhar no colégio. Desde então sou professora de história do Ensino Fundamental 2 e Ensino Médio aqui no nosso colégio. (Professora 01, docente quilombola há 3 anos)

O relato transcrito acima é uma demonstração de como o processo educativo em espaços territoriais como o quilombo é desafiador, pois além de configurar como processo de ensino regular tem a perspectiva de transformar a realidade da comunidade, e, a partir disso é capaz de provocar mudanças estruturais que iniciam por meio de ações aparentemente pouco significativas, como o incentivo feito pela diretora citada pela professora 01, e resultam em uma educação que vai além da tradicional transmissão de conhecimentos comuns do currículo da educação básica.

A professora cita a carta de anuência, este é um documento exigido para atuar na função docente nos colégios quilombolas estaduais do Paraná. Portanto é necessário que o/a candidato/a à vaga tenha o consentimento da comunidade, que precisa concordar que este professor ou professora seja contratado para lecionar no seu território. Esta contratação é realizada pelo Processo Seletivo Simplificado (PSS)¹, tal mecanismo é resultado de luta da comunidade, tendo em vista que o profissional contratado deve ter ciência de seu comprometimento com a Educação Escolar Quilombola. Por muitos anos não havia esta preocupação por parte da mantenedora e, devido ao formato do processo seletivo, ocorria de ir para a comunidade profissionais que não tinham comprometimento com os territórios quilombolas e por vezes não entendiam sua presença ali como exercício de um compromisso social.

O processo de anuência está devidamente regulamentado por meio da resolução 5779 de dezembro de 2012:

Art. 23 A distribuição de aulas nas Escolas localizadas em Áreas Quilombolas, será de responsabilidade do Núcleo Regional de Educação, no qual está localizado o estabelecimento de ensino, e deverá obedecer aos critérios estabelecidos nesta Resolução, na seguinte ordem:

- a) professores que residam em Comunidades Quilombolas;
- b) professores que atuaram em Escolas localizadas em Áreas Quilombolas;
- c) professores que participaram da Formação Continuada para Professores que atuam em Áreas Remanescentes de Quilombo, no período de 2006 a 2011, promovida pela SEED/DEDI/CEC e/ou SEED/DEDI/NEREA.

Parágrafo Único. Com base no Parecer n.º 03/2004 – CNE/CP e no Parecer n.º 194/2010 – CEE/CEB, a atuação dos professores nas Escolas localizadas em Áreas Quilombolas está condicionada à apresentação pelos professores de Carta de Anuência assinada pelo Presidente da Associação da Comunidade Remanescente de Quilombo, na qual localiza-se a Escola.(PARANÁ, 2012)

Por isso, quando a comunidade conquista o direito de opinar sobre quem irá trabalhar na escola é um grande passo para a efetivação da Educação Escolar Quilombola e aciona nossa pergunta de pesquisa, se não há formação específica, como que constitui o professor/a quilombola? Qual é o perfil

¹ Forma de contratação temporária para agentes educacionais e docentes no estado do Paraná.

deste professor? Para os que nascem e crescem no quilombo certamente é um tipo de constituição de identidade e para os que passam a lecionar na comunidade por meio da aprovação dos seus moradores é outro processo. Acreditamos que as duas vias podem realizar a constituição de um/a professor/a quilombola, mas qual seria esta identidade profissional?

Conforme as orientações percebe-se que há valorização do professor/a oriundo das comunidades, e assim, o fato relatado pela professora 01 quanto à vinda de profissionais da sede do município de Adrianópolis para trabalhar no colégio torna-se mais raro, pois a comunidade ganha autonomia para decidir de forma democrática quais serão os responsáveis pela educação escolar em seu território e este fato irá transformar toda a dinâmica do ser professora/a quilombola, pois antes poucos almejavam este lugar, com a normatização e a presença de uma diretora comprometida com a Educação Escolar Quilombola há uma mudança significativa na educação que ocorre neste colégio. E as narrativas de professores/as que se seguem nos ajudam a compreender os sentidos e significados da identidade destes/as profissionais.

2.2 COM A PALAVRA OS/AS DOCENTES DO COLÉGIO ESTADUAL QUILOMBOLA DIOGO RAMOS...

Para nós a identidade é construída, (SILVA, 2000), isto é, toma-se por referência a si próprio: ela é autocontida e autossuficiente, porém para ser docente essa concepção não é o bastante, visto que a partir da sua identidade configura-se também a compreensão da identidade da/na educação. Há uma intrínseca relação entre a compreensão do seu papel como agente educacional com sua identidade como quilombola. Uma das narrativas de um professor que atua há 5 anos na Educação Escolar Quilombola acerca de sua identidade como professor quilombola é

Eu me construí enquanto professor quilombola quando passei a conhecer minha história enquanto negro, de saber a verdadeira história e ver o quanto rica ela é, assim surgiu a vontade de lutar por esta causa que não é exposta em sala, e sim deixada em segundo plano ou em dias especiais como o 20 de novembro. Com isso decidi ser o professor quilombola que mostra a história nunca contada...o outro lado dela... Me orgulho de ser professor quilombola, aprendo tanto nesta escola o que em outras jamais aprenderia. Estamos nos formando como professor quilombola no dia a dia, mostrando quais são as lutas das comunidades quilombolas... que cota não é mérito e sim um método do país se retratar com a comunidade negra de mais de 300 anos de exploração física, cultural e tecnológica, um império erguido sobre impérios fortes e já construídos no continente africano, é um dever nosso enquanto conhecedores desta história valorizar e repassar este conhecimento. (Professor 02).

O professor indica a importância do reconhecimento de si mesmo, no caso dele como pessoa negra, pois é a partir dessa declaração que outras dimensões passam a fazer sentido, como ele menciona a história dos negros, do continente africano, a questão das cotas raciais, estes são aspectos que notadamente contribuem também na formação identitária do profissional e se relaciona diretamente com

a identidade de professor quilombola tendo em vista que os quilombolas em sua larga maioria são negros e portanto partilha desta história lembrada pelo professor, ou seja, não é possível esta identidade profissional estar descolada da revisão histórica de ser negro no Brasil. Tal apontamento corrobora com Gomes (2005 p. 42) a qual diz que a reflexão sobre o processo de construção da identidade negra possui dimensões pessoais e sociais que não podem ser separadas, visto que estão interligadas e se constroem na vida social. Para outro professor que está há 3 anos a identidade profissional: professor quilombola, também passa por uma tomada de consciência de onde se está

Minha constituição como professor quilombola passou a ser construída a partir da busca de novos conhecimentos e do autorreconhecimento como negro, onde me deparei com história de negros escravizados /as, negros que deram o seu sangue para deixar um legado, isso me abriu os horizontes... e me perguntava: Por que um povo marcado de conhecimento com riquíssimas culturas e resistências tem que estar camuflado? Até quando a sociedade vai crescer analfabeta desses conhecimentos? Conhecimentos que hoje são difíceis de serem encontrados nos papéis para ser colocado em prática na sala de aula. Com isso, meu papel enquanto professor é dar aos educandos/as uma outra visão sobre a cultura Afro-Brasileira, assim desconstruindo uma visão já formada, para que abram as mentes e enxerguem uma realidade totalmente diferente, pois a cultura afro é formada de tradições, conceitos e beleza. (Professor 03).

Nas palavras desse professor percebe-se a preocupação com a seleção de conteúdos curriculares pautados na valorização da história e cultura afro-brasileira, tal preocupação não constitui apenas o fazer-se cumprir o exposto no Artigo 26-A (Lei 10.639/03) da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96, pois no colégio, conforme Rocha, Dias (2018, p.164) afirmam, “as práticas curriculares, a história e cultura afro-brasileira podem ser identificados nos trabalhos dos/as estudantes realizados nas diferentes disciplinas, assim como, o próprio espaço da instituição apresenta a presença do tema revelando o comprometimento da educação escolar quilombola deste colégio e a concretização da Lei 10.639/03”. Para além da legislação, inclui-se uma causa, um objetivo que parte das vivências desse docente como sujeito negro que está envolvido em uma educação diferenciada e luta por ela, ou seja, as narrativas vão apontando que a constituição da identidade profissional do/a professor/a quilombola passa pela constituição da sua identidade como pessoa e sua posição diante da história dos negros na sociedade brasileira (mesmo daqueles que não negros) e por conseqüentemente do exercício profissional engajado com o compromisso com a população a quem se destina o seu trabalho. Tal perspectiva aparece também na narrativa da professora 04 com dois anos de experiência nesta instituição. Para ela

Ser professora quilombola dentro da minha comunidade, pra mim é um verdadeiro sonho, eu nunca pensei que me tornaria uma professora, ou que teria uma escola estadual na frente da minha casa, pois isso parecia impossível há alguns anos atrás... Depois de muitas lutas de nossa comunidade conseguimos a tão sonhada escola e com ela vieram muitos outros benefícios para nossa comunidade. Durante o dia a dia vou passando por muitas aprendizagens e desafios e com isso vou construindo minha identidade de professora quilombola. (Professora 04)

O depoimento dessa professora carrega também a história dos/as estudantes residentes na comunidade, pois ela fala pela/com/da comunidade quando diz “Depois de muitas lutas de nossa comunidade conseguimos a tão sonhada escola”, nessas palavras fica evidente que o processo educacional não se deu de forma facilitada para os/as moradores da comunidade, e constituir-se professora quilombola dentro da comunidade carrega também a história de luta e superação tanto individual, quanto coletiva. Ela ao mesmo tempo que é professora, é quilombola e produziu esta identidade na luta. Ser professora quilombola, neste caso não existe sem a história de luta pela escola, pela educação gestada por ela mesma e por seus pares e isso podemos identificar também na narrativa de outra professora que é moradora do quilombo. Podemos dizer que é uma geração criada no contexto das conquistas da comunidade. A escola já não era mais um sonho, era realidade e isso fez uma brutal diferença na constituição da profissionalidade desta professora com pouco tempo de exercício na docência (apenas 6 meses), mas com muito tempo de constituição desta identidade, pois para ela

A identidade já vem sendo construída desde a minha infância, devido aos conflitos e conquistas que a minha comunidade teve, meu envolvimento com as questões sociais só reforçam a luta da minha comunidade, luta por direitos e conquista das terras dos nossos antepassados. Ser professora Quilombola é transmitir essa valorização das conquistas e cultura e reforçar a importância de seguir na luta pela conquista da terra e melhores condições de vida para a nossa comunidade. (Professora 05).

Tal narrativa nos permite afirmar que tratar de Educação Escolar Quilombola e da constituição da profissionalidade docente de um/a professor/a quilombola implica trazer à tona a luta dessa população em relação aos processos de resistência que constituem a identidade das comunidades e a própria identidade negra. Para tanto são as professoras e os professores oriundos do território que narram com maior força tal engajamento, pois são eles/as quem enfrentaram e ainda enfrentam cotidianamente os desafios demandados nas comunidades quilombolas para continuarem existindo e tendo os seus direitos de cidadãos e cidadãs, sendo a educação um deles. É de suma importância que todos esses processos façam parte da educação escolar, configurando assim um perfil identitário da professor/a quilombola, pois “a identidade vista de uma forma mais ampla e genérica é invocada quando um grupo reivindica uma maior visibilidade social face ao apagamento a que foi, historicamente, submetido” (GOMES 2005 p.41), como ressalta a professora 05,

Ser professora e atuar em minha comunidade é um grande privilégio. Sou quilombola, uma das personagens da época de luta e superação na busca por estudos e sobrevivência em nossa comunidade, nosso colégio é uma grande conquista, um dos frutos da nossa luta, organização e reivindicações. Compor a equipe Diogo Ramos foi a oportunidade de retornar pra comunidade e ingressar no Ensino Superior. Ser professora reforça a valorização por essa conquista. Cada dia, cada ano trabalhado, cada desafio superado é aprendizado que contribui para a construção da minha identidade enquanto professora quilombola. O que fortalece a minha trajetória e

principalmente o meu ser é a identidade quilombola, esta que permite o meu desenvolvimento próprio e também da comunidade. (Professora 06)

Na narrativa transcrita acima também é abordada a questão do acesso à Educação Básica como desafio enfrentado e superado por meio da luta da comunidade, outro fato de destaque por ela mencionado é o ingresso ao Ensino Superior, que só foi vislumbrado e possível porque a escola está na comunidade. É nesse sentido que Silva (2016 p. 118) diz que a luta das comunidades quilombolas são pautadas também pelo campo ideológico, ou seja, não é só a luta pelo espaço físico da escola na comunidade, é o conjunto que advém desse espaço que constitui a Educação Escolar Quilombola.

A nossa história começou em 2006, até essa data nós não sabíamos que éramos descendentes de africanos escravizados. A pesquisa veio através da Fundação Palmares onde nos certificou como remanescentes de quilombo, desde então a nossa luta vem crescendo para resgatar e valorizar cada dia mais a nossa cultura, costumes e tradições. Hoje tenho muito orgulho de ser professor quilombola, estou aprendendo cada dia mais sobre a história do nosso povo. (Professor 07)

Mais uma vez o professor quilombola, que atua na modalidade há 4 anos, traz reflexões a respeito da história do pertencimento às raízes africanas e afro-brasileiras como parte fundamental da perspectiva de valorização cultural e racial dos povos quilombolas, assim como na construção da aprendizagem como e da professor/a quilombola

Comecei a trabalhar no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos no final do ano de 2012, no qual atuo há 06 anos, sinto-me privilegiada pela oportunidade de lecionar nesta modalidade de educação, sendo imprescindível destacar também a troca de saberes com a comunidade e educandos/as, pois valoriza e revitaliza a história e cultura dos ancestrais, esta troca contribui de maneira muito rica para minha formação profissional enquanto docente da educação quilombola. Percebo a educação como uma área fascinante, pois a cada dia é perceptível o quanto ela é primordial em nossa vida, essa busca incessante pelo conhecimento nos fortalece tanto no aspecto cultural quanto social, proporcionando uma aprendizagem significativa e o acúmulo de bagagem inestimável. (Professora 08).

A professora 08 trabalha na modalidade EEQ há 6 anos e destaca o envolvimento da comunidade no processo educativo que ocorre no âmbito escolar. Tal contribuição torna-se fundamental para a construção das identidades quilombolas que estão se formando no dia a dia por meio de trocas de experiências que visam à valorização de uma cultura e permitem ainda que a formação docente ocorra simultaneamente no intuito de propiciar a apreensão de conhecimentos e formas de conceber outras pedagogias de ensino e aprendizagem.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante destacar o papel do/a docente na reflexão sobre sua contribuição na mediação e produção de conhecimento, pois este/a é responsável por propiciar uma forma de educação que envolva

uma perspectiva de diálogo com a realidade social de cada comunidade na afirmação de uma perspectiva multicultural, de luta, resistência e crítica às desigualdades que permeiam os territórios quilombolas.

Buscar compreender a constituição de uma identidade que confere características a um grupo específico é uma tarefa que demanda maior grau de análise e observação do que foi exposto neste texto, porém a partir dos resultados obtidos com os depoimentos dos/as professores/as em questão é possível concluir que o/a docente quilombola se configura uma nova identidade docente, assim como a Educação Escolar Quilombola, visto que também vem se constituindo de acordo com os contextos políticos, sociais e educacionais que a sociedade vivencia cotidianamente.

Por fim, a partir das narrativas é possível observar que o *ser professor/a quilombola* e atuar na Educação escolar Quilombola é algo em permanente construção, pois conforme Woodward (2000) a identidade é relacional. Para o contexto da identidade do professor/a quilombola conclui-se que só é possível estabelecer uma relação de identidade para este/a professor/a porque ele tem características diferentes dos/as docentes das demais modalidades da educação básica. Constitui de fato a elaboração de uma identidade própria que se dá no processo e no território, nas lutas empreendidas pela comunidade e nas pautas que gestam uma existência quilombola nas suas especificidades, sendo importante à profissionalidade deste docente compreender as lutas negras, assumir compromisso com as lutas comunitárias e acreditar na possibilidade de construir um projeto pedagógico na troca. Não há professor/a quilombola sem comunidade, sem coletividade, sem pensar a luta do negro no Brasil e sem compreender a importância do território.

4 REFERÊNCIAS

BRASIL/MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação** -LDB 9.394/96.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. In: BRASIL. Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005.

MIRANDA, Shirley Aparecida de. **QUILOMBOS E EDUCAÇÃO: Identidades em disputa**. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/57234>. Acesso em 23 jul. 2018.

Parecer CNE/CEB Nº 16/2012. BRASIL. 2011.

ROCHA, Vanessa Gonçalves da. DIAS, Lucimar Rosa. Implementação Da Lei 10.639/03 No Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos. **Kwanissa**, São Luís, n. 2, p. 164-178, jul/dez, 2018.

SILVA, Givânia Maria da. **O CURRÍCULO ESCOLAR: Identidade e Educação Quilombola**. Disponível em: <http://www.anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/trabalhosCompletos/comunicacoesRelatos/0213.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2018.

SILVA, Givânia Maria da. **Educação e Luta Política no Quilombo de Conceição das Crioulas**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A Produção Social da Identidade e da Diferença**. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

RESOLUÇÃO 5779 - 09 de Dezembro de 2011. Disponível em: <http://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=69201&indice=1&totalRegistros=1>. Acesso em: 20 jul. 2018.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.

Title

An identity under construction: teacher quilombola in João Surá community.

Abstract

This article presents teaching perspectives on the construction of the quilombola teacher 's identity through listening to those who constituted themselves as teachers in the Quilombola Diogo Ramos State College of the state of Paraná. Therefore, there is a contextualization about Quilombo and Quilombola School Education, having as reference Silva (2011), Miranda (2018) and Gomes (2012). The objective of this article is to highlight the narrative of eight teachers about the ways they perceive their professional teaching identity (GOMES, 2005 and WOODWARD, 2000) in quilombola territory. The problem is part of an ongoing research of qualitative nature, having as methodological support the autobiographical method. Information was raised about Quilombola School Education and its legal bases, as well as listening to the experiences of teachers that allowed us to understand how they perceive their identity construction as a teacher in an educational modality that is permeated by specificities that cross personal experiences, teachers and teachers of the subjects of this research.

Keywords

Quilombola School Education; Quilombola Teacher; Professional Identity. Autobiographical Narratives; João Surá community.

Recebido em: 01/11/2019

Aceito em: 16/12/2019